

PRAZER E INFORMAÇÃO PARA O HOMEM

ele

Especial
REVOLUÇÃO
SEXUAL
À PAULISTA

Reportagem
NO JÓQUEI
MALANDRO
JÁ NASCE MORTO

IPANEMA
MADE IN USA

Viagem
FERNANDO SABINO
EM
NOVA IORQUE

ASIMOV
ADVERTE
JIMMY CARTER

SHIRLEY
KAREEN
JOANN
CHANTAL

Ficção
ARIANO
SUASSUNA

Entrevista
NELSON
PEREIRA
DOS SANTOS

ANO IX/ABRIL DE 1977/N.º 96/Cr\$ 20,00/AMAZONAS, ACRE, RONDÔNIA E RORAIMA (VIA AÉREA) Cr\$ 23,00/PORTUGAL ESC. 70\$00

BAUVA
MEMÓRIA LOST

4. TIRA-GOSTO

6. LER A DOIS: Literatura, cinema, teatro, música, televisão, espetáculos e gastronomia por José Guilherme Mendes, Paulo Perdigão, Clóvis Levi, Luís Carlos Cabral, Renato Sérgio, Nelson Motta e Enrique Rentería.

16. NOÊNIO SPÍNOLA: *Ar Condicionado no Maracanã.*

18. ELE MULHER: Chantal. Fotos de Márcia Ramalho.



27. ELE ENSAIO: D. H. Lawrence, o revolucionário do amor. Elias Fajardo da Fonseca escreve sobre a vida amorosa do escritor inglês.

35. Luís Carlos Maciel: *Rock Gulcher.*

36. ELE REPORTAGEM: *No Jiquei, malandro nasce morto.* Jorge Faure Pontual faz revelações inéditas sobre os bastidores das corridas de cavalo. Fotos de Márcia Ramalho.



46. ELE ATUALIDADE: Isaac Asimov escreve uma carta aberta ao presidente dos Estados Unidos sugerindo-lhe a adoção de medidas que garantam o futuro da humanidade.



50. ELE COMPORTAMENTO: *Revolução sexual à paulista.* Antonio Bivar mostra como estão se comportando sexualmente alguns homens de São Paulo. Fotos de Márcia Ramalho.



59. ELE POLÍTICA: *Reformas políticas.* Divaldo Suruagy, governador de Alagoas, opina sobre as eleições — diretas ou indiretas? —, o bipartidarismo e o Ato Institucional número 5.

62. Otto Maria Carpeaux: *Uma Fonte de Machado.*

64. ELE ARTE: *Mello Menezes, por amor a Jocélia.* Aldir Blanc escreve sobre o pintor, envolvido com a temática suburbana.



72. Roberto Pontual: *Roberto Feitoso, luminosa paisagem.*

74. ELE MULHER: Joan. Fotos de Jeff Dunnas, de *Penthouse.*

84. ELE REPORTAGEM: *Barbeiros e cabeleireiros, os profissionais do pente e da tesoura.* Por Elias Fajardo da Fonseca. Fotos de Geoffrey Hiller.

90. Heloneida Studart: *Uma história quase triste.*

92. ELE ENTREVISTA: *A cuca é mais importante do que a câmara.* Angela Cozetti entrevistou Nelson Pereira dos Santos sobre a situação do cinema brasileiro. Fotos de Geoffrey Hiller.



98. ELE ENSAIO: *Ipanema made in USA.* Um ensaio fotográfico de Geoffrey Hiller sobre a americanização da juventude brasileira. Texto de Jorge Faure Pontual.



104. ELE FICÇÃO: *O profeta do alto falanstério e O homem da cadeia*, capítulos inéditos do próximo romance de Ariano Suassuna.

110. ELE GASTRONOMIA: Ana Lúcia Bizinover e o gastrônomo português Manuel Vinhas, considerado um dos maiores *gourmets* europeus, mostram que nem só de bacalhau vivem os lusitanos.



120. ELE VIAGEM: *Reencontro no meio da neve em Nova Iorque.* Por Fernando Sabino.

125. ELE MULHER: Shirley. Fotos de Márcia Ramalho.

130. Cartas. Por Marisa Raja Gabaglia.

131. ELE CINEMA: *Jornalismo, um bom negócio para o cinema.* Esquire e ELE ELA mostram como as notícias de jornal* podem enriquecer ainda mais os produtores de cinema.

140. ELE AVENTURA: Um *show* americano nos trópicos. Jo Kohn entrevista o equilibrista Steve McPeack e Jorge Faure Pontual examina, a partir de sua exibição no Brasil, as relações da televisão brasileira com a americana.

146. ELE MULHER: Karen. Fotos de Tristel-Absolu.

152. Forum

154. ELE MODA: Ternos de inverno.

160. Horóscopo.

162. Cruzadas.

Capa: Marilene
Foto de Márcia Ramalho
Produção de Sônia Moura
Cabelo de Geraldo Valadares
Maquiagem de Thomas Dourado,
do Jamie cabeleireiros

Revolução sexual à paulista

Por Antônio Bivar. Fotos de Márcia Ramalho

Desde o dia em que Darcy Penteado resolveu assumir o seu homossexualismo publicamente, lançando pela Editora Símbolo o seu livro autobiográfico A Meta, que o gay power em São Paulo não é mais o mesmo. A agitação é total. No carnaval, por exemplo, não havia uniforme mais comum que a fantasia de tirolês entre os rapazes alegres. Uma espécie de-hot pants fora de moda, pernas cabeludas e brancas, busto nu e também peludo, mais os suspensórios. Penetrar na área dessa sociedade não é tarefa das mais difíceis já que há muito tempo ela não é mais uma sociedade secreta. Em São Paulo existem guetos e mais guetos gay. E vai da classe A à classe Z. Às vezes as classes se misturam na promiscuidade das ruas, dos bares, das boates, das saunas. A proliferação dos ambientes especializados é cada vez maior. Às vezes é assustadora, mas quase sempre é divertida. Tudo é encontrado no mundo gay. Desde o ambiente mais respeitoso e tradicionalmente familiar aos requintes de fantasias perversas. Vez por outra acontece um crime. A polícia fica atenta e seus membros se retraem. Depois voltam todos às ruas. E geralmente à noite, que é sempre mais alegre e excitante.

O assunto é matéria para uma série de livros. As histórias, os casos, o linguajar, as peculiaridades, as aberrações, o ilusionismo, tudo é tão rico e ao mesmo tempo tão confuso, que é difícil saber por onde começar e onde chegar. É como se a cidade inteira estivesse envolvida...





ele COMPORTAMENTO



SAMANTA E O PRÍNCIPE

Orlando tem 16 anos e é operário. Trabalha como encanador por empreitadas em Guarulhos, onde mora. Acorda às seis da manhã, entra às sete e sai às seis da tarde. Com uma hora de almoço. A semana inteira. Nos sábados o *trampo* é até as quatro. No domingo folga.

Noite de sábado no centro de Guarulhos. Orlando e sua turma andando à toa. Talvez um forró no clube. Ou um flerte com as garotas do *fo-otig*. E de repente, sem mais nem menos, um jogo de braço e de força entre amigos em frente a uma loja de discos. O som pode ser Guilherme Arantes, Elvis Presley, Nalva Aguiar. Ou Mungo Jerry. Orlando é o mais forte e sempre ganha. No braço ou nas artes marciais. Um truque de *kung fu* aqui, outro de capoeira ali. Vale tudo. A noite avança e os garotos não conseguiram ganhar nenhuma gata. Insatisfeitos, resolvem praticar um pequeno assalto sobre um cara de meia-idade que vem vindo meio bêbado e arrastado. Um pequeno assalto in-

conseqüente que não é levado a sério, nem pelos assaltantes nem pelo assaltado. Vale sempre pelo risco e pela façanha mais tarde recontada a outros companheiros numa das mais normais competições entre adolescentes da classe proletária.

Nas noites de sábado Orlando geralmente não dorme. Nos domingos pela manhã ele joga futebol. Nas tardes ele vai nadar numa represa não muito longe. À noite passeia e vai para casa dormir cedo porque seus braços e sua força têm que estar em forma para enfrentar o batede da semana, já que ele é um trabalhador braçal. Estudo, essas coisas, nem lhe passam pela cabeça.

Que é que lhe passa pela cabeça? Cinema, televisão, boates, *shows*, carros, roupas bonitas, ascensão social, equipamento de som de primeira? Orlando não pensa em nada disso. Já tem uma profissão — encanador — não se queixa do trabalho e não esquenta a cabeça. Só foi ao cinema três vezes e não gostou. Na primeira vez foi por causa do título do filme e porque o cinema era o único lugar onde podia namorar uma menina no escuro, numa

das raras vezes que tivera sorte de ganhar uma menina. O título do filme era *Rir com Max Linder* e estava passando no cinema do bairro. Entrou no cinema não por causa do Max Linder mas por conta do *Rir* do título. Depois, outra vez, assistiu um filme de *kung fu*. O terceiro filme era um filme dos Trapalhões. Televisão só vê de vez em quando mas sabe confundir. Kirk Douglas com Robert Mitchum e entona um *pisou* do *Planeta dos Homens* com mais graça que o próprio Jô Soares. E usa um colar de contas brancas igual ao do Mário Gomes na novela *Duas Vidas*.

Orlando nunca foi a nenhum *show*. Acha perda de tempo e na verdade o *showbiz* não lhe diz nada. Prefere andar pelas ruas ou ficar em casa. Tem um quartinho independente no fundo do quintal da casa dos pais. As paredes são repletas de fotos de garotas seminuas tiradas das folhinhas. Além disso ele tem uma pequena vitrola e uns trinta compactos simples do Elvis, do Odair, dos Incríveis, da Nalva Aguiar, do Elton John e do Nazareth. Entre outros. O peculiar não lhe agrada. Só gosta dos sucessos. Mas na verdade Orlando gosta mais de sexo que qualquer outra coisa. De fato, ele não pensa noutra coisa. Mas pratica sexo? Dificilmente. Pouquíssimas experiências. Alguns troca-trocas com os garotos até os doze, treze anos. Depois parou. Ficou com medo de gostar e não parar mais. E agora, aos 16 anos, só pensa nas garotas.

Mas ainda não aprendeu como ganhá-las. Qualquer um que visse Orlando ficaria espantado com o seu insucesso já que ele é um garoto bonito, simpático, comunicativo, energético, com um corpo que faria qualquer *expert* lembrar o David do Michelangelo. Um corpo sem modelação de academias mas belo graças ao seu trabalho diário e graças também à generosa natureza. Musculoso mas de estatura normal, olhos de gato em verde-dourado, dentes milagrosamente per-

feitos, e um sorriso algo feitiço. Então por que o sexo é tão difícil para Orlando? Porque, além de tímido, ele se mostra ansioso diante das garotas. Sendo forte ele é também um pouco bruto e até grosso. E quando cisma com uma garota já quer partir diretamente para a ação. As meninas gostam dele, acham-no um pouco *estúpido*, riem dele, elogiam o seu físico mas reagem às suas investidas desastrosas. Orlando escreve bilhetes num português catastrófico mas com tiradas de franca poesia ingênuas. Mas as garotas não se comovem e respondem dizendo querê-lo como amigo mas que infelizmente já estão comprometidas.

Uma noite de semana, numa roda de amigos, um colega mais experimentado conta aventuras acontecidas no centro de São Paulo. Conta das luzes, dos tipos humanos, do inesperado, das surpresas. Orlando fica aceso, seus olhos brilham. Mais tarde ele combina com Osny, seu melhor amigo, uma ida até o centro, no próximo sábado.

E sábado. Orlando termina o serviço mais cedo. Toma um banho, põe roupa limpa e vai encontrar Osny. Os dois pegam um ônibus e hora e meia depois estão em plena Praça da República. Ambos os garotos estão excitados e sentindo uma agradável sensação de liberdade e novidade. Orlando brinca com um dos patos da praça arrancando-lhe algumas penas do rabo e rindo com a pequena maldade. E nem percebe que está sendo notado por um travesti...

Samanta é o nome artístico do travesti. Vamos tratá-la no feminino — ela assim o prefere — e abreviar sua história. Mineira de Ubá, de classe mais ou menos média, foi batizada com o nome de Sérgio. Etcétera, cansou-se, e aos 22 anos resolveu mudar para São Paulo e assumir sua personalidade de Samanta. Hoje ela está com 28 anos e possui dois peitinhos de silicone barato e hormônio ainda que empinados e tentadores. Sa-

“O olhar misterioso da moça é ao mesmo tempo convidativo e perigoso. Orlando sente-se excitado e perturbado.

Samanta, sambada não só de dublagens de Beth Carvalho, intui que o garoto é tímido. E segura, livre, ousada, caminha até ele. ‘Você não quer vir comigo ao meu apartamento?’

manta também fez depilação definitiva numa casa especializada, em Pinheiros. É delicada, feminina, e tem classe. Alta e magra, Samanta lembra Leilah Assumpção no tempo em que a dramaturga era manequim do Clodovil. Samanta, especificamente, faz duas coisas: a vida e 42 *shows* nas boates especializadas. De vez em quando, um número em alguma produção do Teatro das Nações. Como *transformista* ela recebe 5 milhas por mês. Fazendo a vida como travesti de programas ela cobra uma média de 200 cruzeiros por passeio. Atualmente Samanta abandonou a vida e só faz *shows*. Faz dois números em três boates. Num, ela dubla a Beth Carvalho cantando *A Namorada do Sambão* e noutro ela coloca o seu charme a serviço da voz de Shirley Bassey em *Something* (do *Beatle* George Harrison) numa versão melopática. Samanta, uma das estrelas do *Nostro Mondo* foi elogiada até por Darcy Penteado e pela estrelíssima Valéria. Esta vê em Samanta muito futuro como travesti. Samanta se sente assim um pouco *flattée*. As mulheres notórias que ela mais admira são Françoise Fourton e Márcia de Windsor. A primeira pela descontração capilar e a segunda por ser uma genuína *lady*.

Sábado à tarde. Samanta deixa a *kitinete* onde mora, na Avenida Amaral Gurgel bem no portal da Boca do Luxo, e vai visitar sua amiga — também travesti — Bethânia, que divide com dois outros travestis — Lorena e Cíntia — um apartamento no Largo do Arouche. Samanta está vestida com descontraída elegância. Seu conjunto *jeans* é incrementado por lantejoulas num aplique que traz o seu nome. De natureza român-

tica, ainda que um tanto cética (por conta de mil delusões), Samanta ainda alimenta a esperança de encontrar um príncipe encantado e de levar até mesmo uma vida de casada, como tantas mulheres felizes...

Andy Warhol chega à Praça da República. Um gigantesco *outdoor* anuncia Joe Dalesandro e Dalila di Lazzaro em *Frankenstein*, com a promessa da emoção barata da terceira dimensão. Samanta nem sabe quem é Andy Warhol, mas avista Orlando arrancando as penas do rabo de um pato. E sente amor à primeira vista. Eis o príncipe encantado. Ele lembra o Mário Gomes e ela acompanha *Duas Vidas*. De fato, a parede da *kitinete* de Samanta é toda forrada com fotos dos galãs da nova onda da Globo, tiradas das revistas *Capricho*, *Ilusão*, *Contigo* e da *Amiga*. Samanta aprende muito com as novelas. Com Betty Faria, por exemplo, ela aprende como não levar desaforo pra casa... Com Aracy Balabanian ela aprende a ter paciência na quase certeza que um dia a virtude será recompensada...

Samanta parada discretamente assistindo Orlando brincando com o pato. Orlando ainda não percebeu que está sendo *vigiado*. É Osny, seu colega, quem lhe dá o toque. Orlando levanta os olhos e *saca* Samanta. Ela projeta um sorriso de *miss*, tipo *giz*. O olhar misterioso da moça é a um só tempo convidativo e perigoso. Orlando sente-se excitado e perturbado. Samanta, sambada não só de dublagens de Beth Carvalho, intui que o garoto é tímido. E segura, livre, ousada, caminha até ele. “Você não está a fim de vir comigo até meu apartamento?” Orlando aceita o convite no ato,



*As bonecas da
paulicéia desvairada
são finas, blasées,
profissionais.
Imitando Ney
Matogrosso,
preparando-se para
entrar em cena ou
repousando
languidamente
acima dos
arranha-céus, elas
sabem o que estão
fazendo.*



ele
COMPORTAMENTO

mas diz que tem que levar Osny junto. Samanta acha Osny meio chinfim, mas não vê outro jeito. Percebe que sozinho Orlando tem medo.

Orlando sente alguma coisa diferente naquela mulher. Ainda não sabe que ela é travesti. Algo instintivo lhe diz que apesar daquela fragilidade feminina Samanta...

Orlando não saberia explicar. Anoitece. Na Avenida Vieira de Carvalho acende um grande anúncio em neon no topo dum edifício *art-déco*. Lê-se *Dulca — doces e bombons*. Os três personagens caminham rumo à *kitinete* de Samanta, no Edifício Jóia. Chegam. Entram. Samanta liga a vitrola e põe para tocar a Simone, que ela está curtindo. No seu próximo *show* irá dublar a baiana cantando *Matriz e Filial*, do Jamelão. Dramaticamente mas sem suar.

Samanta manda que os dois garotos sintam-se à vontade e vai à cozinha preparar três caipiríssimas. Enquanto prepara, põe os gelos, corta o limão etc., com a boca faz exercício para que em breve a dublagem seja perfeita.

Na sala-quarto Orlando e Osny discutem quem irá fazer amor primeiro. Brincam, discutem e acabam discordando, e, de repente começam uma luta com lances de caratê e capoeira. Samanta, ainda na cozinha, fica nervosa e manda parar. Grita. Eles continuam. Quebram um pingüim de porcelana. Samanta vira fera. Eles continuam na briga. Samanta perde a paciência. Invade a sala-quarto. Sua voz engrossa.

Os dois garotos nem ligam. Samanta pega uma gilete e dá uma demonstração passando a lâmina com extrema agilidade a meio palmo da jugular de Osny, com quem ela não foi muito com a cara. Osny apavorado com a destreza da moça arregala seus olhos azuis e faz uma expressão de horror feito *close* dum filme *classe b* dos anos 50. Samanta faz uma cara de quem não está para brincadeira. Orlando também se apavora. Param de brigar. Samanta grita ordenando que os dois

recolham os cacos do pingüim...

Os três sorvem suas caipiríssimas. Samanta age rápido. Sua pose é lânguida, vaga, fatal. Seu charme é todo dirigido a Orlando mas Osny também a deseja e insiste com tanta energia que ela acaba aceitando a circunstância. Deita-se com os dois na cama de casal. Muito inventiva, ela proporciona aos garotos uma série de prazeres inéditos, sem permitir que eles toquem na sua genitália disfarçada. Pede compreensão e diz-se menstruada e eles, inocentes, acreditam e respeitam por não saberem muito dessas coisas...

Depois da sessão, enquanto Osny vai ao banheiro, Samanta trata de ser objetiva. Pede que Orlando volte no próximo sábado mas sozinho. Então ela lhe concederá a plenitude de seus favores...

No sábado seguinte Orlando volta e sem Osny. E Samanta lhe revela ser travesti. Mas com tanto charme que Orlando acaba aceitando e até curtindo. Os dois fazem um caso. Um caso que pode durar um sábado, uma semana, alguns meses, anos, e até uma vida. Para tanto só depende da capacidade de persuasão de Samanta e de mil outros pequenos envoltórios...

Uma simples e bizarra história que já faz parte da rotina da Boca do Lixo de São Paulo, a cidade do pecado e de uma outra infinidade de ilusões.

ELAS SÓ SAEM À NOITE

Você jura já ter visto aquela cara em algum lugar. O rosto é conhecido ainda que não seja aquilo que se possa chamar de *um rosto familiar*. E o que é que ela, ou melhor, elas, estão fazendo ali no quadrilátero que abrange desde a frente do Hilton Hotel até a Rua Rego Freitas com a Major Sertório? Uma filmagem noturna, um festival de cinema? Fellini, será? Que superprodução é essa que tem no *cast* Vera Fischer, Françoise Arnoul, Vanderléa, Maria Fernanda, Ava Gardner, Rita

66

“Entre os travestis também existe uma divisão de classes. Enquanto Valkiria é cafona, Vera — por exemplo — é uma senhorita que dá impressão de ter estudado num colégio de freiras. Refinada, cool, não faria feio numa festa de Bi Crisóstomo. Vera é loirinha, chique, com a dignidade de uma psicóloga.”

99

Lee, Silvia Falkenburg, Eliana Pittman, Rachel Welch, e dezenas de outras tão famosas? Como se vestem bem! Como estão bem maquiadas! Como caminham lindamente sobre saltos tão altos e tão finos! Que olhares! Que malícia! Quem são?

São travestis. São profissionais. Estão em seu horário de trabalho. O colunista social Gilberto di Pierro na sua coluna da *Última Hora* dá um destaque ao fenômeno. Seus leitores ficam sabendo de uma pesquisa feita pelos alunos de Comunicação da USP, uma pesquisa que revela estar sendo cada vez maior a participação de homens casados nas chamadas áreas *gay* da cidade. A pesquisa feita pelos universitários aponta que na área próxima ao Hilton Hotel e a Rego Freitas, *limpada* pela polícia paulista antes do carnaval, a quantidade de homens casados que circulavam de automóveis pelas imediações, sempre dispostos a uma conversa, supera a casa dos 70 por cento.

E quando a polícia *baixa* para onde é que elas vão? Bem, depois de serem soltas elas procuram outro lugar. Antes o *trottoir* era feito na Avenida Angélica. Agora elas estão na Avenida Dr. Arnaldo, no quadrilátero dos cemitérios, não muito longe da Avenida Paulista. Ou nas boates. E quanto é que elas cobram? Depende da conversa, do trato, da aparência do freguês. Em média os preços variam de 200 cruzeiros a dois mil.

É sexta-feira à noite numa delegacia próxima ao centro. Valkiria, 18 anos, chegada de Porto Alegre, está aos pran-

tos. Uma amiga, também travesti, a acalma. Valkiria está num estado lastimável. Sua maquiagem toda derretida pelas lágrimas derramadas. O cabelo lembra uma bruxa do Walt Disney. Seu vestido de tafetá magenta todo rasgado. Ali na luz da delegacia seu braço é musculoso e pouco feminino. Ela é todo um equívoco, um acúmulo de erros. Sua voz, híbrida. Que foi que ela aprontou? Ela, impaciente no seu estado lastimável se vê obrigada a contar tudo outra vez. Um homem lhe havia prometido pagar mil cruzeiros por uma volta de carro e na hora do vamos ver só apresentou uma nota de 50. Trato é trato e sem admitir ser passada para trás Valkiria investiu sobre ele com uma gilete enchendo-o de cortes. O cara foi parar no Pronto Socorro e ela na delegacia. Dramática, vulgar, meio *sapatão* até, ela grita, espernela, e diz que quer voltar para Porto Alegre, que em São Paulo ninguém presta. Passará algumas noites atrás das grades e depois será solta. Ou não.

Entre os travestis também existe uma divisão de classes. Enquanto Valkiria é cafona, Vera — por exemplo — é uma *senhorita* que dá a impressão de ter estudado num colégio de freiras. Refinada, *cool*, não faria feio numa festa de Bi Crisóstomo. Vera é loirinha, chique, com a dignidade de uma psicóloga. Seu porte lembra as atrizes dos filmes B da Colúmbia, que a TV Cultura exhibe todas as tardes e que ela mesma, Vera, costuma assistir. Tudo em Vera é 1940. Ela está mais para secretária eficiente



que para *vamp*. Às vezes, é vista caminhando ligeiro pelo quadrilátero, outras vezes sua presença dignifica o ambiente do Gay Club e outros locais da classe.

O Medieval, por exemplo. Nos meses de janeiro e fevereiro, quando os maridos estavam de férias, registrou-se uma média de mais de 50 por cento de *cigarra*s casados que iam lá para ver o *show* ou para eventuais aventuras. Foi no Medieval que Evinha, crioula, *mignon*, 18 anos, sofisticada, gaúcha, conheceu um rico francês que se apaixonou por ela e levou-a para viver em Paris. Paulo Villaga, que conhece tudo e todos, forneceu à Evinha alguns endereços para conexões francesas e hoje Evinha atua num *show* no Chez Michou, na capital francesa. Agradecida, de tempos em tempos ela envia cartões postais a Paulo.

Ao contrário dos homossexuais, os travestis raramente



Elas podem ser encontradas na Boca do lixo de São Paulo, as bocas na intimidade. Convidadas para programas sobretudo por homens casados, estão nas boates Medieval, Gay Club, Nostro Mondo, Teorema, Dany.

se apaixonam. São individualistas, independentes. Para o travesti o que importa, o que conta mesmo é a aparência. Desfilam com garotões bonitos ou com senhores endinheirados e distintos. É fácil notar que perto de um travesti de classe, muitos homens se sentem mais másculos, mais seguros, mais homens. Já corre até lenda desse tipo. E bem verdade que — um travesti me contou — muitas vezes, num relacionamento sexual quem faz a parte ativa são elas. Uma vez perguntei à Gildinha, que até já se apresentou em *shows* de Gil & Caetano, se ela não tinha intenções de fazer operação com aquele cirurgião especialista e famoso, e ser transformada em mulher. Ela arregalou os olhos e soltou um exclamativo "Mais transformada!!!" Bateu no sexo e continuou "Nem pensar! E com esse aqui que eu ganho a vida!"



GAY EXECUTIVO

O *gay power* em São Paulo é realmente uma força. No jornal *Última Hora* há pouco mais de um ano surgiu a primeira coluna *assumida*, com nome de *Coluna do Meio*, assinada por Celso Curi. Celso recebe e transmite aos seus leitores todo o serviço de rotina do *power*, e as novidades de São Paulo, do Brasil, e do exterior. Tem *celsetes* espalhadas por todos os recantos *gay* do planeta. Além disso Celso promove festas, dá conselhos, responde cartas, dá as dicas dos locais. Há meses estipulou um concurso para que fosse descoberto um termo brasileiro para a palavra *gay*, já que *alegre* não tem nada a ver. O concurso não teve nenhum resultado porque *elas* não são de fundir a cuca. Assim como existe também o *gay executivo*. É sóbrio, conservador, e na medida do possível, discreto. O templo do *executive gay* fica entre o Largo do Arouche e a Praça da República, numa cervejaria minúscula chamada Caneca de Prata. É um lugar tão pequeno que sua clientela — cada vez mais assídua — pega cada um sua caneca (de falsa prata) e vai para a calçada, fazendo daquele pedaço um *boulevard* peculiar. E os transeuntes normais raramente percebem que aquele monte de rapazes alegres são *entendidos*.

Existem dezenas de *discos gay* em São Paulo. O Sombrasom, que fica bem em

frente ao Cemitério da Consolação; o Nostro Mondo, que recebe o *mondo cane gay*; o Teorema, para o *gay chin-frim*; e o Dany, para o *gay da pesada*.

O *gay people* é totalmente desinteressado da política, com exceção do *intelectual gay*, uma faixa que abrange jornalistas, cineastas, atores, artistas, médicos, economistas, executivos e altos funcionários. Quando se reúnem são capazes de discutir noite adentro sobre os rumos da humanidade ou os destinos da nação. O mais frívolo entre os presentes sente um certo cansaço na beleza e lembra, com certa nostalgia, da noite anterior, onde um encontro ou uma aventura com um desconhecido das classes mais baixas fora bem mais excitante. E muito mais verdadeira que as elocubrações absurdas e os blabláblas proféticos sobre a crise ou o apocalipse...

As *tias* não podem ser esquecidas. As *tias* são aquelas cuja faixa etária é bem extensa. Vai dos 23 aos 60 anos. Em épocas mais remotas seriam consideradas mariquinhas ou mariconas. Marisa Raja Gabaglia decretou o termo como *out*. As *tias* são verdadeiras solteironas complacentes. São boas de cozinha e têm suas casas, seus apartamentos, suas *kitinetes*, espalhadas por toda a cidade, e sempre repletas de *sobrinhos*, que são duplas ou bandos de garotos que o *cupido gay* encarregou-se de fazer as apresentações. As *tias* são muito caseiras. São compreensivas e geralmente ajuizadas. Têm bons empregos onde são respeitados e tratados no masculino. Uma tia que se preza dá o melhor de si na orientação do futuro de seu *protegé*. Se é chegada à literatura, ela descobre o gosto do sobrinho e indica os melhores livros, que pode ser um livro de poesias da Cecília Meireles ou *Um Estranho numa Terra Estranha*. Se é formada em Sociologia, ela enfia na cabeça do sobrinho uma série de conceitos e preconceitos politizantes. E de repente você encontra um

garoto de 17 anos falando de cadeira a respeito do acordo nuclear Brasil-Alemanha. Agora... quando uma tia encontra outra tia, do que é que elas falam? De coisas de tias. A tia sábia evita essas conversas na frente dos sobrinhos.

Quando existe um jogo de futebol tipo Coríntians X Palmeiras, a *tia popular* abre suas portas e recebe hordas de sobrinhos. E assiste e torce junto deles. A casa vira uma zona mas todos se divertem.

GAY MACHO

O *gay macho* de princípio não admite frescura. Entre os radicais se encontram aqueles que, em circunstâncias mais apropriadas, seriam capazes de fuzilar as *bichonas*. São de opinião que elas degeneram uma classe que poderia ser menos exibicionista. O *gay macho* é solidário ao feito dos bandidos e marginais e às vezes até da polícia e do Esquadrão da Morte. Os mais fanáticos colecionam recortes sobre pivetes. Curtem Lúcio Flávio e fazem pesquisas sobre Doca Street. Alguns pertencem à esquerda radical. Estes bebem e vociferam pelas ruas contra o capitalismo e contra uma série de outras coisas contestatórias. Quando as pessoas acham graça eles viram fera e todo mundo sai correndo. Não porque são *gay* mas porque dão a impressão de bêbados perigosos.

No *gay macho* também se encontram os rapazes de motocicletas. Fortes, com corpos modulados em academias de halteres, eles não se misturam com nenhuma outra ala. Adoram a velocidade e a distância e não raro sobem e descem a estrada de Santos. Ficam felizes quando a garotada reconhece seus feitos e coragens. Sentem-se heróis. Em cinema ou tevê só assistem a filmes policiais ou catastróficos. Ou às grandes aventuras nas estradas. Muitos deles acabam se casando para dar continuidade à espécie e para fazer de pelo menos um filho um herói.

“Quase sempre quando acontece um crime gay, os assíduos do quadrilátero conhecem a vítima ou o assassino. O quadrilátero é a terra de ninguém. Não é dos lugares recomendáveis. De fato, é o menos recomendável. No inverno é o local mais poluído de São Paulo. Um inferno de Dante sem Beatriz.”

GAY CHIC

Ele é aceito pela melhor sociedade de São Paulo e sua presença nas festas da *mondanité* é condição *sine qua non* para o sucesso do evento. O *gay chic* é mestre no *tout-savoir* e seu bom-gosto somado aos lampejos de sua imaginação criativa, mais sua informação sempre *up-to-date* com o bom-gosto vigente, é quem decide a volta do tafetá, quem decreta a morte da mania pelo *art-déco*, quem descobre o perfume cujo aroma vai mais de acordo com a época etc...

É o *gay chic* a melhor companhia para duas mulheres que querem conversar num lugar público sem que sejam consideradas suspeitas. Os maridos geralmente aceitam as amizades das suas mulheres com o *gay chic* e acabam percebendo que tal amizade muitas vezes ajuda a harmonia do casamento e seu equilíbrio. Muitas vezes, quando os alicerces de um bom casamento tremem, o marido (ou a mulher) recorre aos conselhos do *gay chic*. Muitos casamentos já foram salvos assim. O *gay chic* é a alma da festa, seja no Hippopotamus seja no Guarujá. Às vezes são donos de salões de beleza, ou então decoradores. São costureiros ou construtores. São quatrocentões mas nunca amadores. São requisitados e sobretudo delicados. Uma senhora de idade e respeito encontrando um *gay chic* mais tarde certamente comentará: “Mas ele é uma verdadeira moça!”

UM PASSEIO SOBRE AS CALÇADAS DO VÍCIO

O nosso passeio pela São

Paulo alegre nos transporta do agradável dos *jardins* (América, Europa, Paulista) para a barra realmente pesada, o quadrilátero das Avenidas (São João, Ipiranga, São Luís, e calçadas adjacentes). Ali a *mélange* é total. Travestis decrépitos, bichas velhas, bichas novas, ladrões, assassinos, pivetes, *boys*, tarados, michês, prostitutos, viciados em drogas, hermafroditas, bissexuais e batidas da polícia a qualquer momento. O *gay footing* noturno na Praça da República, por exemplo, faz lembrar uma versão mais miserável dos *Miseráveis* de Victor Hugo. Ali o sutil não existe e a vulgaridade predomina. Da Praça da República até a porta do Cine Ipiranga a mercadoria humana tem um preço. Varia de 30 cruzeiros a 500. Às vezes acontece um milagre de um *free*. Flippermas enfumaçados, e o *bar Jeca* como a esquina das esquinas. Quase sempre quando acontece um crime gay os assíduos do quadrilátero conhecem a vítima ou o assassino. O quadrilátero é a terra de ninguém. Não é dos lugares mais recomendáveis. De fato, é o menos recomendável. No inverno, por exemplo, o quadrilátero é o local mais poluído de São Paulo e a névoa deixa a impressão de uma aura desoladora. Um inferno de Dante sem Beatriz. Uma decadência em nada divina. A melancolia de um ponto de vista. Depois de um passeio pelo quadrilátero a pessoa se sente tão *encardida* que a única saída imediata é pegar um táxi até a Vila Mariana e enfrentar uma sauna noite adentro. A Aquarius é a mais concorrida. Serve até café da manhã.



Para o travesti o que importa, o que conta mesmo, é a aparência. Desfilar com garotões bonitos ou com senhores endinheirados e distintos. Perto de um travesti de classe, muitos homens se sentem mais másculos, mais seguros.

